



Um método de pesquisa e análise da variação e mudança linguísticas em *Grammaticas da Lingua Portugueza*

A research and analysis method of linguistic variation and change in *Grammaticas da Lingua Portugueza*

Jorge Viana de MORAES*

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar proposta metodológica de investigação na interface entre a História das Ideias Linguísticas e a Linguística Histórica. Nosso pressuposto é que, partindo de um corpus de 132 gramáticas, publicadas no período de mais de 500 anos (gramáticas portuguesas, brasileiras e do português como língua estrangeira), é possível investigar o fenômeno da mudança linguística em curso, a partir do que entendemos por línguas gramaticais (AUROUX 1998 apud LEITE 2009a), isto é, da evolução linguística por uma sucessão de gramáticas; gramáticas, no sentido proposto por Auroux enquanto instrumentos linguísticos (AUROUX 1992, 1998). Para fins de exemplificação, examinamos três gramáticas pertencentes ao referido corpus, das quais extraímos importantes informações linguísticas de uso, a fim de ilustrar a produtividade do método proposto. Quanto à metodologia propriamente dita, elegemos duas vertentes investigativas de significativa importância para a extração de dados que

ABSTRACT: In this work, we aim to present a methodological proposal to investigate the interface between the History of Linguistic Ideas and Historical Linguistics. Our assumption is that starting from a corpus of 132 grammars, published over a period of more than 500 years (Portuguese grammars, Brazilian grammars and Portuguese as a foreign language), it is possible to investigate the phenomenon of linguistic change in progress, based on what we understand by grammatical languages (AUROUX 1998 apud LEITE 2009a), that is, of linguistic evolution through a succession of grammars; grammars in the sense proposed by Auroux as linguistic instruments (AUROUX 1992, 1998). For purposes of illustration, we examine three grammars, belonging to the corpus, from which we extract important linguistic usage information to illustrate the productivity of the proposed method. As for the methodology itself, we chose two investigative strands of significant importance for extracting data that

* Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, professor contratado USP/UNESP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9096-7079>. jorgevianademoraes@usp.br

indiquem tanto a variação quanto a mudança em curso, presentes e registradas nas e pelas gramáticas. Essas se dão pelas linguagens registradas nas gramáticas, que podem ser vistas quer pelo 1. discurso do gramático (estatuto dos exemplos, sua sintaxe, seu estilo, seu levantamento lexicográfico e ou uso lexical, etc), quer pela 2. investigação da metalinguagem utilizada pelo gramático e/ou sua atitude linguística (HALLIDAY et al. (1974), sua descrição linguística [fonética/ortográfica; lexical; descrição morfossintática]; sua descrição e análise dos chamados Solecismos e Barbarismos. Como se poderá avaliar pelos resultados, ainda que ilustrativos e incipientes, tal metodologia pela análise da linguagem gramatical revela não poucos fenômenos de interesse para o linguista histórico.

indicate both the variation and the ongoing change, present and registered in and by grammars. These are given by the languages registered in the grammars, which can be seen either through the 1. discourse of the grammarian (status of the examples, their syntax, their style, their lexicographical survey and/or lexical use, etc.), or through the 2. investigation of the metalanguage used by the grammarian and/or his linguistic attitude (HALLIDAY et al (1974), his linguistic description [phonetic/orthographic; lexical; morphosyntactic description]; description and analysis of the so-called Solecisms and Barbarisms. As can be evaluated by the results, even if illustrative and incipient, such methodology through the analysis of grammatical language reveals not a few phenomena of interest to the historical linguist.

PALAVRAS-CHAVE: Variação e mudança. Gramáticas. Gramaticografia portuguesa. Linguística histórica. História das Ideias Linguísticas

KEYWORDS: Variation and change. Grammars. Portuguese Grammaticography. Historical linguistics. History of Linguistic Ideas.

1 Introdução

Pesquisas desenvolvidas por Moraes (2017a, 2017b, 2020, 2021a [no prelo], 2021b [no prelo]) mostram como, do ponto de vista histórico, pode ser produtiva a abordagem da variação e da mudança linguística em lugares como manuais gramaticais. *Instrumentos linguísticos* (AUROUX 1992, 1998), a princípio, voltados não apenas para a descrição da língua, mas também para o apagamento das variedades e para o nivelamento ou homogeneização das falas não oficiais. As gramáticas, entretanto, vistas em seu conjunto (*corpus*), mostram-se, nesta nova perspectiva proposta, como repositório de diferentes e sucessivas sincronias pretéritas. É

interessante observar que, vistas a partir de uma nova perspectiva histórica e historiográfica, portanto, com os contornos de um novo objeto a ser explorado nos limites da Linguística Histórica, as diversas vozes que os gramáticos intentaram, em seu tempo, e ao longo dos séculos, silenciar, a partir de negativas *atitudes linguísticas* (HALLIDAY *et al.*, 1976; LEITE, 2005), porque reputadas como erradas, ganham, neste novo panorama de pesquisa, uma historicidade abrangente e representativa e passam a servir como fontes de exemplos da própria heterogeneidade linguística em diferentes contextos. Neste trabalho, apresentamos algumas diretrizes metodológicas que têm se mostrado produtivas na exploração desses fenômenos.

Análises linguísticas, cujos dados são oriundos de diversos *corpora*, têm sido uma tendência nos estudos linguísticos do século XXI porque geram resultados produtivos (BERBER SARDINHA, 2000; LÉON, 2006¹; ASSUNÇÃO; ARAÚJO, 2019²). Aplicados aos estudos da história (variação e mudança) da língua portuguesa, especialmente em relação ao Português Brasileiro (PB), esta metodologia já se demonstrou ser de grande eficiência (CASTILHO, 1998; MATTOS E SILVA, 2001; ALKMIM, 2002; DUARTE; CALLOU, 2002; RAMOS; ALCKMIN, 2007; LOBO; RIBEIRO; CARNEIRO; ALMEIDA, 2006; AGUILERA, 2009; HORA; ROSA SILVA, 2010; MOURA; SIBALDO, 2013)³. Aplicado ao levantamento de dados dos *corpora* gramaticais, apresenta igualmente resultados satisfatórios, uma vez que é possível observar, mediante a análise de sucessivas e diferentes gramáticas publicadas ao longo de mais de cinco (05) séculos – de 1536-Fernão de Oliveira a 2011-Evanildo Bechara –

¹ O que não significa, absolutamente, que essa área de atuação linguística seja livre de problemas. Para uma abordagem histórica e crítica sobre a Linguística de *Corpus*, ver, principalmente, Berber Sardinha (2000), Araújo (2019) e Léon (2006).

² Para um detalhamento histórico sobre a abordagens de outros autores relativos aos *corpora*, ver Assunção e Araújo (2019).

³ Referimo-nos especialmente aqui à série de livros do Projeto **Para a História do Português Brasileiro**, que, posteriormente, deu origem à série, essa mais recente, **História do Português Brasileiro** (Coord. Geral CASTILHO), com vários volumes já publicados e outros no prelo. Para maiores detalhes, ver Castilho (2019).

a evolução da língua. Neste sentido, é possível proceder a uma dupla verificação desta evolução: pela linguagem do gramático e pela metalinguagem utilizada por ele.

Nesta perspectiva, para explorar e descrever melhor a metodologia proposta, o presente trabalho, em diálogo com as diferentes áreas dos estudos da linguagem, tais como Sociolinguística e Dialectologia, Linguística Histórica, Historiografia Linguística e História das Ideias Linguísticas, está organizado da seguinte maneira: em 2 apresentam-se os Pressupostos teóricos; na seção 2.1 expor-se-á o conceito de gramática aqui empregado; já na seção 2.2., passaremos à descrição das principais bases teóricas sobre as quais o linguista pode atuar na análise dos dados; em 2.3. para aclarar os domínios, assim como o escopo de cada área, passamos à descrição do limite, das diferenças e semelhanças nas relações entre História das Ideias Linguísticas e Linguística Histórica; na seção subsequente, a seção 2.4., apresentamos uma espécie de entrada investigativa pela História das Ideias Linguísticas/ Historiografia Linguística; na seção 3. apresentamos a síntese dos métodos de abordagem propostos neste ensaio e uma ilustração dos *corpora*, que servirão de base para os fenômenos estudados, inclusive em estudos futuros. Na seção 4, seguem-se alguns exemplos de resultados alcançados, sob a metodologia proposta, dos fatos da variação e mudança linguísticas presentes no *corpus* gramatical. O artigo se encerra com algumas considerações finais. Passemos, então, primeiramente, aos pressupostos teóricos.

2 Pressupostos teóricos

Inicialmente, procuraremos delimitar o que, neste trabalho, se entende por gramática. Seu alcance e suas limitações.

2.1 O que se entende por gramática? ou da fundamentação teórica

Diante de abundante material de referência, o linguista estará frente a um *corpus* em que poderá aplicar tanto a Teoria sócio-variacionista da mudança (Sociolinguística), quanto as Teorias da mudança no quadro gerativo (variação e mudança paramétrica); assim como, no quadro teórico dos funcionalismos, neste último aspecto, por exemplo, o linguista poderá aplicar técnicas que vislumbrem o processo de Gramaticalização, uma vez que as sucessivas gramáticas, publicadas ao longo de 500 anos, poderão mostrar uma verdadeira *pancronia* (GONÇALVES *et al.*, 2007), na qual será possível avistar aquilo que se denomina *mudança linguística em curso*.

Ressalta-se, entretanto que é preciso cautela e discernimento quanto aos valores exatos dos conceitos de gramática que têm circulado no “mercado linguístico”. Diante disso, o linguista terá que, antes de qualquer abordagem, definir o conceito de gramática com o qual pretende trabalhar, a saber: a(s) gramática(s) no quadro teórico mentalista-chomskiano; a gramática na concepção funcionalista; a gramática na concepção tradicional etc. Outro aspecto que não pode ser ignorado, porque incide justamente sobre certas avaliações ou sobre as *atitudes linguísticas* (HALLIDAY *et al.* 1976; LEITE 2005) do gramático diante das variantes descritas, é acerca da questão da norma, principalmente, aqui, na sua relação direta com o fenômeno da variação linguística. As restrições gramaticais ou as condenações de usos do gramáticos são pistas preciosas que não se devem ignorar.

Feito isso, ou tomada essas devidas precauções iniciais, a gramática poderá ser analisada e avaliada como um lugar de registro da variação e mudança. Leite (2007a, 2007b, 2009a, 2009b), apoiada inicialmente em Coseriu e Hjelmslev, demonstrou à sociedade que, se estamos diante de fenômenos como a *norma linguística*⁴, precisamos

⁴ Para uma abordagem especialmente sobre *Norma e Variação*, ver Mateus e Cardeira (2007).

também ter em conta seus pressupostos equivalentes do ponto de vista do *sistema* e da *fala* e, em decorrência, os *usos*; de modo que estaremos sempre diante ou do binômio dicotômico: *norma-uso*, ou da relação tripartite coseriana: *sistema, norma e fala*⁵. Tais fenômenos se apresentam quase sempre em um movimento de retroalimentação. Pressupõe-se que o que é considerado do *sistema*, já foi anteriormente, em algum momento, *uso*; passou pelo crivo da *norma* em sentido lato, bem como pelo critério da *adoção*.⁶

Outro aspecto imprescindível com relação ao novo entendimento histórico que temos de dar à gramática, parte dessa mesma investigadora, que, fundamentada em Aurox (1998), entende que por meio da gramática “On peut décrire l'évolution linguistique par une succession de 'grammaires', c'est-à-dire de langues grammaticales [pode-se descrever a evolução linguística por uma sucessão de 'gramáticas', isto é, de línguas gramaticais] (AUROUX, 1998 *apud* LEITE, 2009a, p. 23). É neste sentido que este trabalho pretende trazer alguma contribuição às análises linguístico-históricas: ou seja, apresentando modelos metodológicos, ou, mais simplesmente, *métodos de levantamento* de dados variacionistas e de mudanças linguísticas *em curso*, a partir de sucessivas gramáticas.

Outros trabalhos que entraram no rol da busca investigativa sobre a *norma, uso e variação linguísticas* em gramáticas portuguesas foram os desenvolvidos pela linguista e semiótica Diana Luz Pessoa de Barros nas primeiras décadas do presente século. Luz Pessoa de Barros aborda a questão sob a perspectiva dos estudos do discurso, em especial, no da semiótica discursiva francesa. Ver especialmente Barros (1999, 2008). Em trabalhos anteriores, no quadro da História das Ideias Linguísticas

⁵ Para maiores esclarecimentos, ver Leite (2007a., p. 21 et. sq). A autora lembra ainda que “A tese de Hjelmslev comprova esse fato” da *inter* determinância dessas três instâncias linguísticas, a saber: *ato, uso e norma*, “pois, consiste na afirmação de que o *ato*, o *uso*, e a *norma* condicionam o *sistema* [ou *esquema* na terminologia hjelmsleviana], já que estão todos interrelacionados” (LEITE, 2009a, p. 25).

⁶ Cf. Hjelmslev (1991 [1943], p. 90), Coseriu (1979, p. 72; 1980, p. 123; 1987, p. 120-125) e Leite (1998, p. 182; 2007, p. 25-26), que abordaram detidamente o assunto.

(ver Moraes, 2017a, 2017b, 2020), apresentamos também alguns processos de variações e mudanças em gramáticas portuguesas e estrangeiras.

2.2 Bases teóricas sobre as quais o linguista pode atuar na análise dos dados:

Leva-se em consideração, igualmente, a pluralidade teórica dos instrumentos científicos voltados à investigação, descrição, análise e interpretação da variação e mudança linguística, bem como dos diversos modelos de escrita de sua história, a saber: *Estudos diacrônicos*: Saussure (2021⁷, 1995 [1916]); Martins (2016); Lehmann (1982); Lucchesi (2004); *Teoria da Variação e Mudança Linguística*: Weinreich, Herzog e Labov, 1968 [2007]); (Labov 1982, 1992, 1999, 2001, 2008 [1972], 2010); Marquilhas (1996); Mattos e Silva (2008c); *Linguística Histórica – a mudança linguística sob a perspectiva funcional*: Halliday *et al.* (1974); Martelotta (2011); Rosário e Oliveira (2016); Cunha e Silva (2019); Cunha e Bispo (2019); Bybee (2020); *Linguística Histórica – a mudança linguística sob a perspectiva gerativa*: Kroch (1989); Lass (1997); Lehmann (1992) Lightfoot (1979, 1991, 1997, 1999); Campbell (2000); Mattos e Silva (2008b) e Paixão de Sousa (2006).

A questão que recai aqui não é tanto sobre a diversidade das teorias, dos modelos e métodos teóricos disponíveis ao pesquisador, mas sim sobre sua competência, isto é, sobre o bom manejo, sobre o domínio técnico a que o investigador estará sujeito para o tratamento dos dados. Essa é uma questão que não deve ser ignorada. Sendo assim, não se descarta, portanto, esta problemática que diz respeito mesmo à formação técnica dos profissionais pesquisadores envolvidos em tão divergente formação ou vinculação às diferentes correntes teóricas.

⁷ Há uma nova edição do *Curso*, publicada recentemente (2021), com tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno e apresentação de Carlos Alberto Faraco. Ressalte-se que era uma edição bastante aguardada no meio intelectual da linguística brasileira, uma vez que o tradutor e o apresentador, colocam o texto sob um novo escrutínio ou uma nova chave de análise: o da Historiografia Linguística, o que, sem dúvidas, suscita novas questões epistemológicas.

No Brasil, já há uma certa tradição na convergência e convivência teórica (pacífica) no desenvolvimento de grandes projetos de natureza linguística, cuja marca proeminente é justamente a convergência entre as diversas correntes teóricas, voltadas para um mesmo objetivo. Um exemplo disso pode ser ilustrado pelos trabalhos realizados no âmbito do *Projeto para a História do Português Brasileiro* e do *Projeto de Gramática do Português Falado*, ambos coordenados com êxito pelo professor Ataliba Teixeira de Castilho, com resultados bastante interessantes, porque produtivos, para a linguística brasileira. Castilho (2019) traz um retrospecto dos trabalhos desenvolvidos sob a égide de ambos os projetos, faz um balanço dos avanços, bem como uma avaliação daquilo que ainda precisa ser melhorado neste domínio. Para um relato sobre a convivência entre as diferentes correntes teóricas nos âmbitos desses projetos, ver Castilho (1997 e 2019).

2.3 Delimitando as diferenças e semelhanças nas relações entre *História das Ideias Linguísticas* e *Linguística Histórica*

O *corpus*, ora apresentado, é oriundo e fruto de nossas investigações na área de História das Ideias Linguísticas, campo, que não se confunde com a Linguística Histórica, e onde se inscrevem parte de nossas pesquisas. Entretanto, há também interesse de nossa parte em questões que estão presentes em nossa atuação como professor da disciplina *Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa I* (IELP I), do ciclo básico do curso de Letras na Universidade de São Paulo, cujos objetivos são: “fornecer noções sobre a formação histórica da língua portuguesa e oferecer ao aluno um estudo descritivo da situação do português no mundo e, em particular, no Brasil”. Neste sentido, o escopo da disciplina abrange a “Formação do Português e sua implantação no Brasil”; os “Contatos linguísticos do Português no Brasil”⁸; bem como as

⁸ Conforme consta do programa resumido da disciplina, disponível no Sistema Jupiter: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=FLC0114&verdis=4>

“Variedades regionais, sociais e individuais do português no Brasil”. Ou seja, em geral, há uma abordagem de dois aspectos imprescindíveis relativos à Linguística Histórica, como vem sendo praticada por linguistas no Brasil e no mundo, quais sejam: o da variação e o da mudança linguística, neste caso, do português, com ênfase no Português brasileiro (PB). Daí a semelhança.

Entretanto, sabemos que o ideal delineamento e a adequada ocupação do espaço institucional de cada área e disciplina são fundamentais para o seu correto funcionamento e seu desempenho apropriado. Enfim, de seu *status*. Com relação a esta disciplina, a Linguística histórica (e de outras associadas a ela), saber com clareza seu escopo, seus pressupostos teóricos e metodológicos, em uma palavra: sua natureza epistemológica, leva o investigador, no trabalho diário de seu labor científico, a uma abordagem metodológica não apenas correta, mas, principalmente, leva-o ao olhar de especialista, na maneira como ele “cria” seu objeto, enquadrando-o, a partir de protocolos de análise devidamente preestabelecidos. Aqui está a diferença.

Vejamos como isso ocorre primeiramente do ponto de vista de um historiador das ideias linguísticas.

O trabalho com um *corpus* gramatical semelhante a este leva o historiador das ideias linguísticas, evidentemente, a questões diferentes das do linguista com preocupações estritamente históricas, cujo foco está na língua e cujos fenômenos de investigação são a variação e a mudança linguística de um determinado item lexical, de uma determinada forma fonética, ou de uma estrutura sintática gramatical, sob análise. Como se vê, essa diferença ocorre principalmente no deslocamento, do objeto, da natureza teórica e metalinguística do historiador, em comparação com o linguista histórico. O primeiro, o historiador das ideias, precisa lidar com a observação e análise de fatos do objeto historiado, no sentido de entender, fundamentalmente, como aquele objeto foi construído da maneira como foi e de compreender as relações, os vínculos mantidos ou não com outros objetos similares, procurando, assim, entender e explicar,

aquilo que se denomina em História das Ideias Linguísticas, o seu *horizonte de retrospectão* (AUROUX, 2008), ou seu *modo de historicização* (AUROUX, 2021 [2006]). Sua preocupação recai, sobretudo, sobre as ideias e ou teorias linguísticas que foram construídas na *longa duração do tempo* com a intenção de procurar entender e explicar os fenômenos linguagem e língua, tais como entendidos pelo gramático, filólogo, linguista ou qualquer outro estudioso da linguagem.

Por sua vez, o linguista com preocupações linguísticas estritamente de ordem histórica tem a um só tempo seu alvo e seu objeto de análise no corpo da língua. Para ele importam os fenômenos linguísticos *em si* registrados no lastro histórico do tempo, que podem levá-lo a entender o fenômeno da mudança. Aliás, este último, como apontado, é o seu objeto de pesquisa. Ou, conforme esclarece acertadamente Auroux (2020 [1980]),

O papel de uma história em uma disciplina depende largamente da natureza de seu objeto, isto é, de sua relação com o tempo. Ele é, sem dúvida, difuso nas ciências naturais (embora não seja negligenciável). Ele é essencial para as ciências humanas porque seu objeto é de natureza histórica. Os trabalhos linguísticos passados são indispensáveis à linguística histórica. Eles são uma contribuição fundamental (embora não seja a única) a todas as tentativas de reconstrução dos estados da língua (AUROUX, 2020 [1980], p, 373).

Embora existam outras diferenças entre ambas as disciplinas além das aqui apontadas, reputamos essas como as principais para as finalidades deste trabalho.

2.4 A entrada investigativa pela História das Ideias Linguísticas /Historiografia Linguística

Se a abordagem se faz mediante uma das duas áreas em História da Ciências da Linguagem: História das Ideias Linguísticas ou Historiografia Linguística, o linguista-historiador ou linguista-históriógrafo precisa acautelar-se quanto à leitura dos fenômenos.

Segundo entendemos, não se pode restringir os aspectos da variação e mudança linguísticas em obras gramaticais só pelo aspecto, ou, digamos, pela *avaliação positiva do gramático*. Normalmente (embora não seja apenas isso), a avaliação dos gramáticos com relação à variação e mudança é esperada por alguns de nós, queremos dizer pelos do nosso tempo histórico, isto é, do nosso presente histórico, como positiva. Na maioria dos casos, entretanto, não é assim que ocorre. Em outras historicidades, o tema da variação e mudança estará presente, mas talvez a partir de uma *avaliação mais negativa* por parte do gramático. E, historiograficamente falando, não haveria nenhum problema nisso. Se vemos o julgamento negativo ou restritivo do gramático como um problema *em si*, então não estamos aplicando suficientemente os critérios de precauções: os refreios e contrapesos necessários em análises historiográficas. Neste sentido, caso contrário, não estaríamos respeitando o chamado *princípio da imanência*, de Koerner, em HL (1996, 2014⁹); ou o *princípio da neutralidade epistemológica*, de Aurox (1992¹⁰), em HIL. O historiador das ciências da linguagem não pode impregnar os objetos sob sua análise com seus próprios valores ou com os valores contemporâneos.

3 Os Métodos e os Corpora

A seguir, apresentamos de forma sumária a proposta de um quadro (Quadro 1) com os métodos de abordagem da variação e mudança linguísticas a serem explorados

⁹ Segundo Koerner (2014, p. 58), “2.º O próximo passo que o historiógrafo da linguística deveria dar consiste em tentar estabelecer uma compreensão completa do texto linguístico em questão, tanto do ponto de vista histórico como crítico, talvez até mesmo filológico. É desnecessário dizer que se deve abstrair da sua própria formação linguística e dos compromissos atuais na linguística. O quadro geral da teoria a ser investigada, assim como a terminologia usada no texto, devem ser definidos internamente e não em referência à doutrina linguística moderna. Esta consideração pode ser chamada de ‘princípio da imanência’”.

¹⁰ De acordo com Aurox (1992, p. 14), “A *neutralidade epistemológica*” decorre imediatamente de nossa forma de abordar o objeto: não faz parte de nosso papel dizer se isto é mais ciência do que aquilo, mesmo se nos acontecer de sustentar que isto ou aquilo é concebido como ciência, por esta ou aquela razão, segundo este ou aquele critério. Em outras palavras, *ciência* pode ser uma palavra normativa de nossa linguagem-objeto, mas em nossa metalinguagem será apenas uma palavra descritiva”.

nas gramáticas, bem como uma apresentação também sumarizada dos *corpora* gramaticais dos quais essas gramáticas fazem parte. E, para fins de ilustração no âmbito deste trabalho, cuja restrição de espaço é determinada pelo número de páginas, o que, obviamente, nos leva a fazer um recorte, passaremos a explorar alguns dados, assim como certos exemplos extraídos de três obras abaixo descritas. Essas três obras gramaticais são representativas dos *corpora*, que serão também apresentados nas três figuras subsequentes (figura 1, figura 2 e figura 3). Passemos, então, às três obras gramaticais a serem mais bem exploradas neste ensaio:

- a. *Compendio da Grammatica Portuguesa*, de Antônio da Costa Duarte, publicada no Maranhão, em 1829¹¹;
- b. *Compendio de Grammatica Philosophica*, de Manoel Soares da Silva, publicada no Ceará, em 1861 e
- c. *Compendio da Grammatica da Lingua Portugueza*, de Joaquim de Sousa Ribeiro Pimentel, publicado na Bahia em 1827.

Ressalte-se ainda que a restrição a essas três obras justifica-se aqui também pelo fato de estarmos explicitando os dois aspectos de entrada nos estudos, a partir da análise da linguagem e da língua registradas na gramática, a saber: 1. especialmente pelo discurso do gramático e; 2. a partir da análise da metalinguagem utilizada pelo gramático. Elas servem como exemplos de exploração dessas duas, digamos, categorias de análise. Uma abrangência maior em termos de obras não seria adequada ao espaço.

¹¹ Essas obras sob exame são apresentadas nesta parte inicial do artigo, supondo-se que elas representam uma amostra de um todo. Sabemos, entretanto, da necessidade de esse *corpus* precisar ser também melhor apresentado e descrito, todavia, o espaço restrito para este artigo não nos permite tal abordagem. A apresentação e a descrição total do *corpus*, que são do acervo pessoal deste autor, serão feitos em tempo e lugar oportunos, em artigo, especialmente dedicado para esse fim.

3.1 Metodologia

Quadro 1 – Síntese dos métodos de abordagem a partir do *corpus* de estudo.

Síntese dos métodos de abordagem
<p>3.1.1. A partir da análise da linguagem registrada na gramática,</p> <p>3.1.1.1. Especialmente pelo discurso do gramático</p> <p>3.1.1.2. O estatuto dos exemplos: as escolhas ideológicas do gramático</p> <p>3.1.1.3. Sua sintaxe, seu estilo</p> <p>3.1.1.4. Levantamento e exame lexical</p> <p>3.1.1.4.1. Vocábulos que caíram em desuso, vocábulos arcaicos, neológicos etc.</p> <p>3.1.1.4.2. Pelos valores ortográficos (aproximada representação das características fonético-fonológicos)</p>
<p>3.1.2. A partir da análise da metalinguagem do gramático</p> <p>3.1.2.1. A língua objeto de análise do gramático</p> <p>3.1.2.2. Sua descrição linguística:</p> <p>3.1.2.2.1. Fonética (ortográfica)</p> <p>3.1.2.2.2. Descrição morfossintática</p> <p>3.1.2.3. Descrição e análise dos Solecismos e Barbarismos: atitude linguística dos gramáticos como fonte para a pesquisa de dados sociolinguísticos e de aspectos de mudança linguística.</p>
<p>3.1.3. Os Corpora</p> <p>3.1.3.1. Corpus gramatical português</p> <p>3.1.3.1.1. 41 gramáticas portuguesas</p> <p>3.1.3.2. Corpus gramatical brasileiro</p> <p>3.1.3.2.1. 61 gramáticas brasileiras</p> <p>3.1.3.3. Corpus gramatical estrangeiro (gramáticas do português em inglês, francês, italiano, alemão)</p> <p>3.1.3.3.1. 30 gramáticas escritas em inglês, francês, italiano e alemão, tendo como língua-alvo o português</p>

Total de: 132 gramáticas

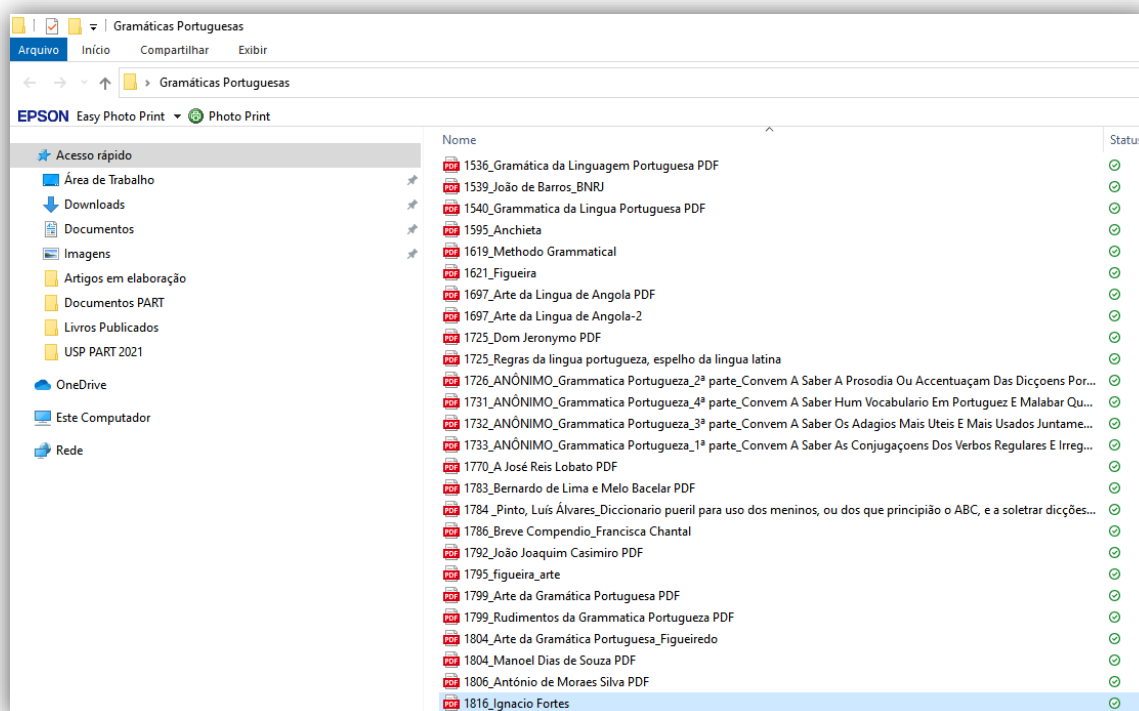
Obs.: Esse *corpus* faz parte da biblioteca pessoal do pesquisador, tanto em formato digital, quanto em formato físico; boa parte, entretanto, encontra-se também disponível nas diversas bibliotecas digitais das mais importantes instituições espalhadas pelo mundo, sendo parte delas de livre acesso aos pesquisadores e ao leitor comum. Espera-se, entretanto, um trabalho de digitalização de todo o *corpus* em formato OCR, isto é, PDF pesquisável. Isso para que se possa realizar buscas rápidas

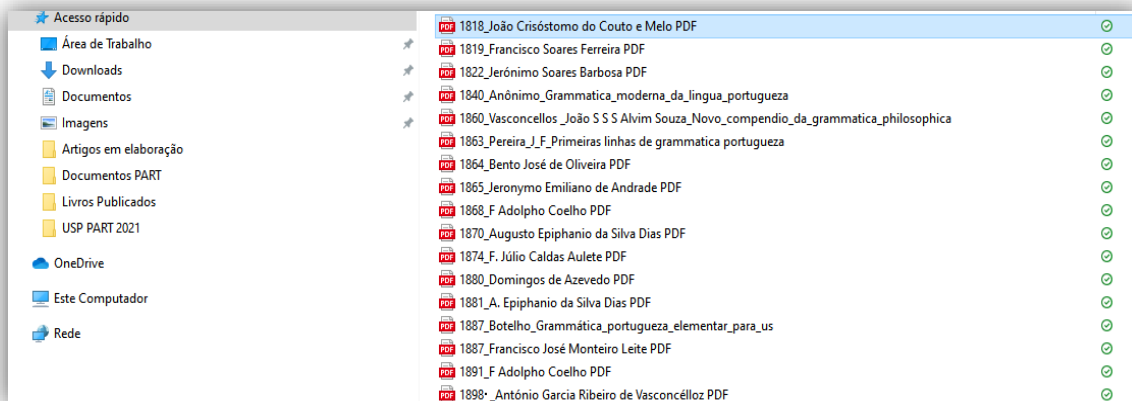
mediante ferramentas mecanizadas e informatizadas para facilitar nosso trabalho e o de futuros pesquisadores.

Diante desse abundante material de referência, o linguista estará frente a um *corpus* em que poderá aplicar tanto a Teoria sócio-variacionista da mudança (Sociolinguística), quanto as Teorias da mudança no quadro gerativo (variação e mudança paramétrica); assim como, no quadro teórico dos funcionalismos, neste último aspecto, por exemplo, o linguista poderá aplicar técnicas que vislumbrassem o processo de Gramaticalização, uma vez que, conforme já afirmamos, as sucessivas gramáticas publicadas ao longo de 500 anos, poderão mostrar uma verdadeira *pancronicia* (GONÇALVES *et al.*, 2007), na qual será possível avistar aquilo que se denomina *mudança linguística em curso*.

Segue abaixo uma amostra das gramáticas constantes dos *corpora*.

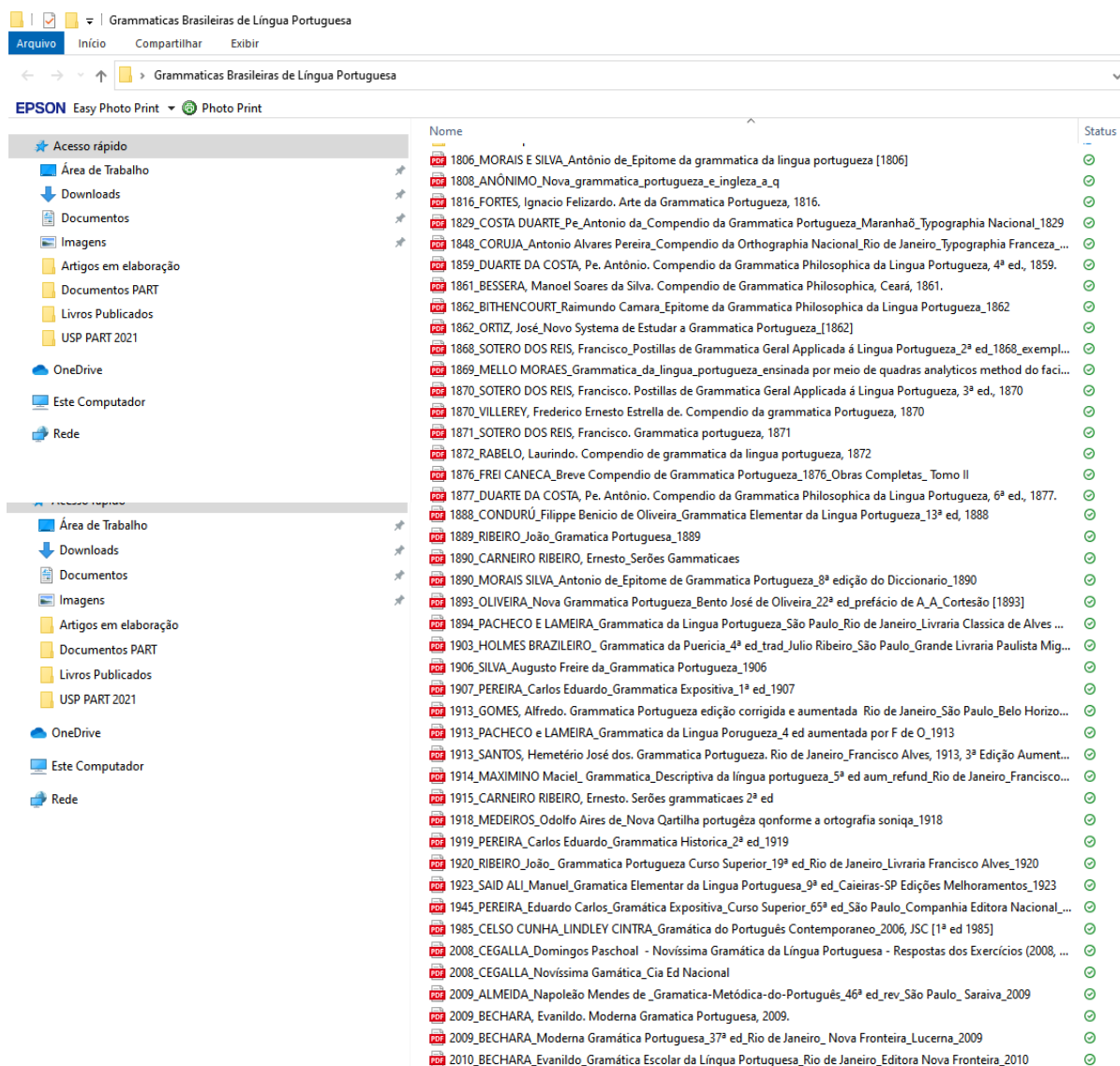
Figura 1 – Amostra do corpus português de gramáticas da língua portuguesa.



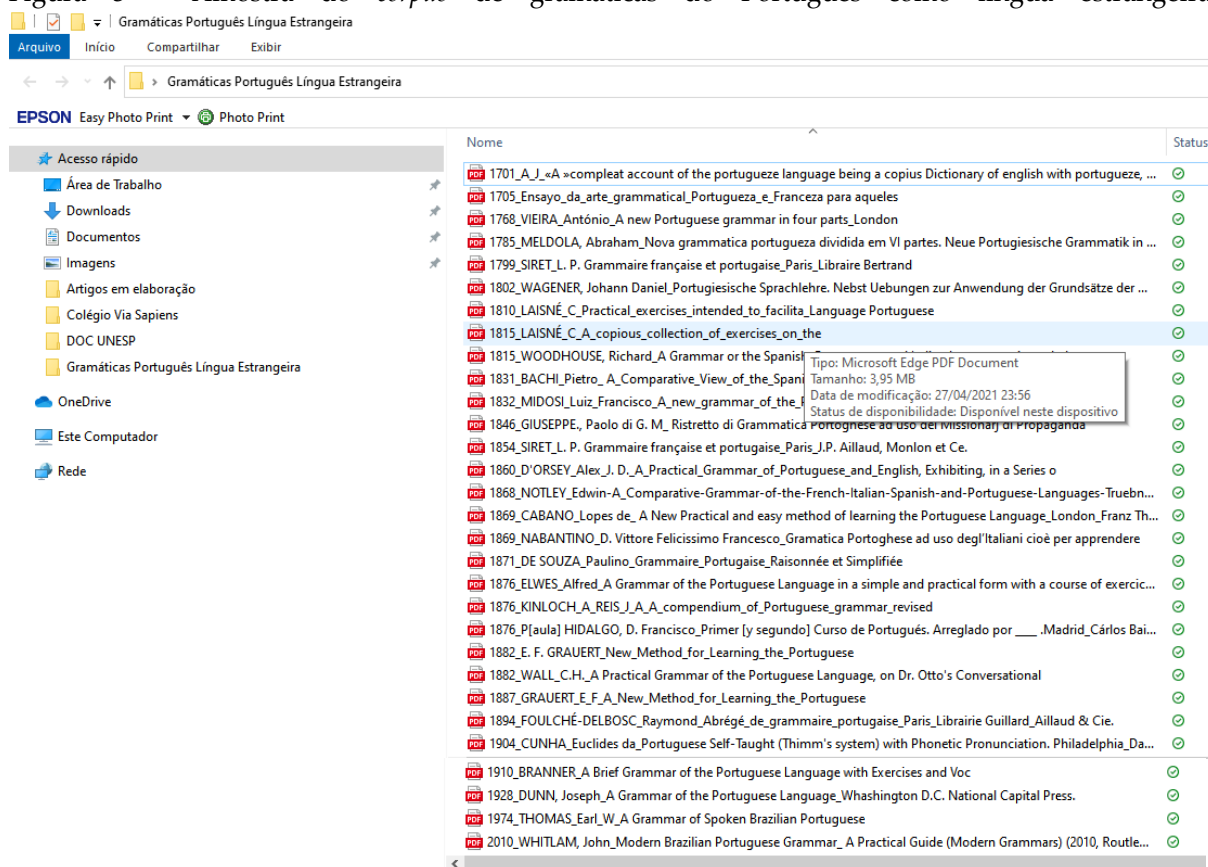


Fonte: extraída dos arquivos eletrônicos do autor.

Figura 2 – Amostra do *corpus* brasileiro de gramáticas da língua portuguesa.



Fonte: extraída dos arquivos eletrônicos do autor.

Figura 3 – Amostra do *corpus* de gramáticas do Português como língua estrangeira.

Fonte: extraída dos arquivos eletrônicos do autor.

4. Resultados

4.1 Exemplos de resultados acerca dos fatos da variação e mudança linguísticas

A título de exemplificação, seguem-se algumas análises para a verificação da produtividade da metodologia apresentada. O que um leitor, fora dessa nova perspectiva epistemológica e analítica da gramática, vê apenas como mais um exemplo dentro tantos das exaustas listas de barbarismos e solecismos, vejo um registro histórico da variação. O que um leitor sem a preocupação com a mudança histórica vê apenas como listas “intermináveis” de paradigmas verbais, vejo a mudança linguística de alguns verbos em curso.

Os exemplos a seguir ilustram exatamente isso:

Antônio da Costa Duarte, autor de um *Compendio da Grammatica Portuguesa*, publicado no Maranhão, em 1829, fala claramente da mudança, só que por um viés diferente. Podemos concordar ou não com o que ele diz sobre as razões desta mudança – ou “alterações”, para usarmos a sua expressão –, mas esta já será uma outra questão. Vejamos:

As alterações de que temos falado, são authorizadas pelo uso, e nasceraõ do desejo de fazer a Linguagem facil, agradayel, e harmoniosa, evitando com ellas a concorrência de consoantes asperas, cacophonias, bem como hiatos que tornarião a Linguagem fatigante (COSTA DUARTE, 1829, p. 17).

Interessante, no entanto, é a inclinação do gramático em reputar a mudança como resultado do uso, ou na sua linguagem, como “authorizadas pelo uso”. Podemos vislumbrar em outra passagem, um pouco mais adiante, trechos da sua abordagem com relação à variação social sob o cariz do Barbarismo. Observe:

Daqui se vê o quanto importa evitar o Barbarismo, que é privar os vocábulos ou dos sons, ou do accento, com que devem ser pronunciados, como dizer *Pregar* por *Prégar*, *Truxe* por *Trouxe*, e até a cacophonia, isto é, dissonância ou máo som, que póde resultar do concurso de algumas palavras, como: *Má manhã. Por que idade.*” (COSTA DUARTE, 1829, p. 17).

Há aqui uma interessante análise da variante *diastrática*, que compreende os estratos sociais em que os falantes estão inseridos (HERNANDEZ CAMPOY & ALMEIDA (2005), em formas como “Truxe e “Pregar”. Esta última, provavelmente, pronunciada como [pr’əgar] “prêgar”. Se não estivermos enganados, por uma razão ou outra, a forma defendida pelo gramático - “prégar” foi a que passou a ser normal na pronúncia nordestina do português brasileiro. Sendo a forma “truxe” ainda bastante produtiva nas variantes populares do português brasileiro em várias regiões.

Já no *Compendio de Grammatica Philosophica*, de 1861, publicada pelo gramático Manoel Soares da Silva Beserra, em solo cearense, é possível encontrar outros exemplos. Vejamos:

Solecismos

11º Quando se emprega no finito o verbo que deve por-se no infinito, como: *Chega faz raiva* devendo ser: *Chega a fazer raiva...* (BESERRA 1861, p. 126)

14º Quando se usa da primeira pessoa do conjunctivo dos verbos pela primeira pessoa do pretérito, como *Andemos todo dia*, devendo ser: *Andámos todo o dia* (BESERRA 1861, p. 126).

Ambas as formas, tanto a expressão “Chega faz raiva” como “Andemos” ou [ãd’əmu] “andêmo”, são marcas salientes ainda hoje presentes no *português popular do Brasil*, e uma amostra da variação regional nordestina, encontrada em Beserra (1861). Ou seja, uma mais regional ou *diatópica*; outra mais popular, *diastrática*.

Já no *Compendio da Grammatica da Lingua Portugueza*, de 1827, publicado pelo gramático baiano Joaquim de Sousa Ribeiro Pimentel, vemos, em primeiro lugar, exemplos de usos arcaicos que permaneceram na língua popular e, depois, de formas consideradas por alguns linguistas históricos e crioulistas como marcas ou características crioulizantes do dialeto afro-brasileiro. Observe:

Advertencia.

Os erros da oração são: *Barbarismo*, ou *Solecismo*.

Barbarismo commete-se, quando não se proferem as palavras com o devido accento, ou com as letras devidas, como: *Espiríto* por *Espírito*: *Trouve* em lugar de *Trouxe*, &c.

Solecismo é uma viciosa composição das partes da oração, como: *Sei aprendeis Grammatica* em lugar de *Sei que aprendeis Grammatica*: *Tu estudastes* em lugar de *Tu estudaste*, &c. (RIBEIRO PIMENTEL 1827, p. 82).

Permita-nos começar brevemente pelo fim. Observa-se que, no último exemplo apresentado pelo gramático: “*Tu estudastes em lugar de Tu estudaste, &c*”, notoriamente,

trata-se aqui do fenômeno a que modernamente denominamos *hipercorreção*. Neste caso, o falante, ao produzir a forma da 2PS (2ª pessoa do singular) do **pretérito perfeito** terá sido influenciado pela forma da 2PS do **presente do indicativo** “Tu estudas”.

Considerando os dois primeiros exemplos apontados pelo gramático baiano como barbarismos, *Espirito* e *Trouve*, assinalados como formas erradas, e cruzando-os com os dados encontrados em *Diálogos de São Gregório*, século XIV, vemos que são duas formas arcaicas ainda usadas por falantes brasileiros, especificamente baianos, naquele momento histórico (1827) ou, naquela sincronia do gramático, para usarmos uma expressão de cariz estruturalista. Vejamos:

E ela começou a braadar e a dar tantas vozes e a mover-se per atantas maneiras quantos eran os **spiritos** maaos que no seu corpo jazian. (DSG – séc. XIV, MACHADO FILHO, p. 37, sublinhamos)

Enton o bispo Castorio veo ao moesteiro e **trouve consigo** Basilio, monge encantador, e rogou o abade don Equicio que o recebesse por monge en seu moesteiro (DSG – séc. XIV, MACHADO FILHO, sublinhamos, p. 12-13).

Os próximos dois exemplos são igualmente significativos.

Em pesquisa de campo na **Comunidade de fala de Helvécia-BA**, Lucchesi e Baxter (s.d.), ao fazerem o levantamento de “traços ainda hoje presentes”, daquilo que eles consideraram **características crioulizantes do dialeto afro-brasileiro**, apresentam os seguintes dados arrolados como:

6. variação no emprego de preposições:

[...]

ii. Eu tenho direito distraí um pouco.
'eu tenho o direito de me distrair um pouco'

[...]

7. variação no emprego de complementizadores:

[...]

A pessoa num subé cuzinhá uma carne tá ruim.
'a pessoa que não souber cozinhar uma carne está ruim'

Esses dois exemplos de usos, extraídos da amostra de um dos eixos – o das “relações sintagmáticas e oracionais” – organizados pelos pesquisadores (LUCCHESI; BAXTER, op. cit.), poderiam ser considerados, pelo viés introduzido nesta modalidade de pesquisa que ora propomos, os mais recentes retratos de um fato linguístico semelhante registrado sob o signo do *solecismo* pelo gramático baiano Ribeiro Pimentel, já em 1827. Observe: “*Sei aprendeis Grammatica* em lugar de *Sei que aprendeis Grammatica*” (RIBEIRO PIMENTEL 1827, p. 82). Neste caso, temos a supressão da conjunção subordinativa integrante “que”; naquele, há a supressão da preposição “de” e do pronome clítico “me”. Ambas as construções são muito próximas do ponto de vista sintático, cujos itens relacionais não estão explícitos.

Sobre o dialeto de Helvécia, os autores aventam a hipótese de que “essa variedade de português assim constituída foi sendo transmitida de geração em geração sem qualquer influência normatizadora relevante. [...]”, e, mais adiante, comentam que “tais constatações levantam a seguinte questão: *até que ponto esses fatos observados ainda hoje em Helvécia estiveram presentes na história do português popular do Brasil?*” Pelos dados acima expostos e cruzados, não seria ariscado afirmar que, pelo menos, desde 1827. Pois, essa nova abordagem metodológica, que ora apresentamos, mostra-se bastante produtiva, como uma ferramenta de pesquisa. Tal produção só é possível por intermédio desses *corpora*, tal como encontrado em Ribeiro Pimentel (1827), em Beserra (1861) e Costa Duarte (1829), conforme demonstramos acima.

4.2 As mudanças nos (e pela observação dos) paradigmas verbais

Outro exemplo, este agora de mudança a partir de um outro enquadre, ou “chave” metodológica, se dá pela “busca” ou “perseguição” a um verbo, que pode ser feita pelo pesquisador, seguindo o exame dos diversos paradigmas verbais, normalmente encontrados de forma abundante nessas gramáticas. Por exemplo, um

verbo descrito e classificado como *irregular* ou *defectivo* por um determinado gramático em um determinado ano ou século pode aparecer como regular em outro e vice versa.

Ao percorrer as diversas gramáticas que compõem os *corpora*, é possível observar essa "evolução", como um fenômeno da *mudança em curso*. Vejamos. Na *Grammatica da Lingoagem Portugueza*, de Fernão de Oliveira (1536), por exemplo, a primeira da nossa língua e a que inicia o *corpus*, o verbo *soer* aparece como regular:

E *sol* fará *soles* e não *sois*; e *rol*, *roles* e não *rois*¹², por diferença das segundas pessoas destes verbos *soio*, *soes* por *acostumar*, e *roio*, *roes* por *roer* (OLIVEIRA 1536, p. 69-01).

Como é de conhecimento geral, o verbo *soer*, hoje em dia – aliás, desde há muitos séculos – não é descrito nem usado como regular. E isso, é claro, apenas em dados da modalidade escrita da língua, porque na falada, praticamente, caiu em desuso, há alguns séculos.

Pedro José da Fonseca, por exemplo, em *Rudimentos da Grammatica Portugueza* (1799) distingue bem entre os verbos *impessoais* e *defectivos*, apontando para o fato de que havia gramáticos para os quais essa distinção não era tão clara:

Alguns também denominão *defectivos* estes verbos *impessoais*. Porém hum tal nome [isto é, defectivo] parece que só deve apropriar-se, não aos que carecem de certo número de pessoas, por se lhes haver já dado a sua especifica denominação: mas sem aos que tem falta de alguns tempos, como são: *prazer*, ou *aprazer*, *jazer*, *soer* e algum outro (FONSECA, 1799, p. 91).

¹² Apenas uma breve observação: é interessante notar que no que se refere ao plural desses nomes, a preferência de Oliveira não prevaleceu ao uso, que, como se sabe, consagrou, respectivamente, as formas *porta colos*, *sóis* e *róis*, e não *portacois*, *soles* e *roles*, como preferia o gramático aveirense. A forma “soles”, entretanto, pode ser ainda encontrada nas falas rurais populares em algumas regiões do Brasil, como na Bahia. Dou um depoimento pessoal. Minha avô, mulher de origem humilde, do sul desse estado, nascida no, então distrito, e agora, município de Piripá-BA, usava a forma “sole” para *sol*; o que demonstra que, de algum modo, a forma sobreviveu em alguns segmentos ou estratos sociais da língua oral popular. O distrito de Piripá que foi criado em 1926, e o município em 1962, desmembrado de Condeúba, fica a cerca de 120 km da cidade de Vitória da Conquista.

E em nota, o autor aponta *soer* como “verbo de uso frequentíssimo em todos os nossos Escritores do Seculo XVI”. Conforme vimos mais acima, Fernão de Oliveira (1536) o exemplificava como regular. Conjugado, pelo menos conforme o exemplo, na 1ª e 2ª pessoa do singular: “[eu] *soio*, [tu] *soes*”. Entretanto, já a essa altura (1799), o verbo *soer* era tido como *defectivo* por Fonseca que o apresenta da seguinte forma: “achão-se porém do dito verbo [*soer*] as pessoas (á exceção da primeira) do presente do indicativo, e todas as do pretérito imperfeito do referido modo (FONSECA 1799, p. 91).

Os dados também mostram a *longa mudança em progresso* do verbo *impedir* na 3PS, 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo. Na gramática de Amaro de Roboredo (1619), por exemplo, a forma aparece como *impida*: “[...] julgo, que se lhe pode dar a licença que pede, por não ter cousa que **impida** poderse imprimir” (ROBOREDO 1619, p. 03, grifamos).

Já na *Arte da grammatica da lingua portugueza*, de José dos Reis Lobato, de 1770, encontramos a referência à forma “*impida*” como antiga e entrando em desuso, porque naquela sincronia, ela ainda era usada por alguns. Vejamos: “Tambem não são usadas as vozes do presente do Conjunctivo destes verbos. Advertindo-se, que os antigos usarão da voz *Impida*, de que hoje ainda alguns usão” (LOBATO 1770, p. 159).

Os exemplos mostram, assim, suficientemente, o quanto a investigação do paradigma descritivo de certos verbos, ao longo dos séculos apresentados nos *corpora* das gramáticas, primeiramente descritos como *irregulares* ou *defectivos*, depois, como *regulares*, ou vice-versa, contribuem para a nossa compreensão da *mudança linguística regulada*, no eixo temporal, proporcionada pelos falantes.

O último exemplo que gostaria de registrar como ilustração desta produtiva abordagem é o da metalinguagem utilizada pelos gramáticos e o uso das notas de rodapé para fazerem menções ou comentários, a que denominarei de: 1. “sociohistórico; 2. sócio-variacionista; 3. geodialetológico; 4. mudança linguística

concluída e 5. variação diastrática, quando fazem menções do tipo. Assim, é comum encontrarmos neste consubstanciado *corpus* de gramáticas do português expressões que fazem referência à variação e à mudança usando as seguintes expressões:

Os antigos diziam X; no uso familiar falam Y; X não se emprega mais; não se diz mais C; não é comum o uso de X; o vulgo diz Y; é errado dizer A; o fallar de B é grosseiro, etc.

5 Considerações finais

Esperamos, como resultado da explanação deste conteúdo, bem como, principalmente, da exposição do presente método, ter conseguido mostrar o quanto a aplicação metodológica aqui apresentada, partindo da exploração dos referidos *corpora*, é produtiva e de grande interesse para a área de Linguística Histórica, assim como para área de História das Ideias Linguística e Historiografia da Linguística. Esperamos também ter demonstrado igualmente o quanto a evolução linguística mostra-se também na sucessão de “gramáticas”, isto é, de línguas gramaticais presentes nas diversas sincronias, representantes em cada uma das gramáticas que constituem o *corpus* gramatical deste trabalho. Esta nova abordagem, somada as outras já exploradas no campo da Linguística Histórica, poderá ser de grande utilidade.

Referências

Corpus

BESERRA, M. S. da S. **Compendio de Grammatica Philosophica**. Ceará: Typographia Social, 1861.

COSTA DUARTE, A. da. **Compendio da Grammatica Portugueza para uso das Escolas de Primeiras Letras**. Maranhão: Typographia Nacional, 1829.

FONSECA, P. J. **Rudimentos da Grammatica portugueza: cômodos à instrucção da Mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons Autores**. Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

LOBATO, J. dos R. **Arte da grammatica da lingua portugueza**. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1770.

OLIVEIRA, F. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. Lisboa: e[m] casa d'Germão Galharde, 1536.

RIBEIRO PIMENTEL, J. S. **Compendio da Grammatica da Lingua Portugueza**. Bahia: Typographia Imperial e Nacional, 1827.

ROBOREDO, A. do. **Methodo Grammatical para toda as linguas**. Lisboa: Pedro Craesbeek 1619.

Estudos

AGUILERA, V. de A. (org.) **Para a História do Português Brasileiro, vol. VII: vozes, veredas, voragens**, 2 tomos. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2009.

ALKMIM, T. (org.). **Para a História do Português Brasileiro, vol. III, Novos Estudos**. São Paulo: Humanitas / Unicamp – USP, 2002.

ASSUNÇÃO, C.; ARAÚJO, C. Linguística de corpus: teoria, perspectivas metodológicas e ensino das línguas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 21, n. 2, p. 271-288, 2019. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v21i2p271-288>

AUROUX, S. L'histoire de la Linguistique. *In: Langue française*, 1980, n. 4, 7-15). [Republicação traduzida por José Edicarlos de AQUINO como A História da Linguística. **Revista Porto das Letras**, Vol. 06, Nº 5. 2020. Edição especial História das Ideias Linguísticas.]

AUROUX, S. **A Revolução tecnológica da gramaticalização**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

AUROUX, S. **La raison, le langage et les normes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998. DOI <https://doi.org/10.3917/puf.aou.1998.01>

BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, Vol. 16, N.º 2, p. 323-367, 2000. Acesso em: 09 fev. 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200005>

BYBEE, J. **Mudança linguística**. Trad., apres. not. Marcos Bagno. Petrópolis - RJ: Vozes, 2020.

CAMPBELL, L. **Historical linguistics**. Cambridge, MIT Press, 2000.

CASTILHO, A. T. (org.). **Para a História do Português Brasileiro, vol. I, Primeiras ideias**. São Paulo: Humanitas / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1998.

CASTILHO, A. T. de. **Projeto para a do Português Brasileiro (PHPB) - Produção científica de 1998 a junho de 2019: Ponderando o passado e planejando o futuro**. Relatório, 2019. Disponível em: http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/proyectos/P3_PHPB.pdf.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; EDUSP, 1979.

COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Trad. do italiano por Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos**. Trad. De Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

CUNHA, M. A. F.; SILVA, J. R. A mudança linguística sob a ótica da Linguística Funcional. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, 5 (1): 15-35, jan.-jun. 2019. DOI <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.15272>

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B. Abordagem construcional da mudança linguística. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 2., p. 87-108, 2019. DOI <https://doi.org/10.47295/mren.v8i2.1956>

DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. M. I. (org.). **Para a História do Português Brasileiro, vol. IV, Notícias de corpora e outros estudos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro, 2002.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. Em homenagem à Luiza Braga. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, S. C. L. *et. al.* Cap. 1 - Tratado geral sobre gramaticalização. *In*: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. Em homenagem à Luiza Braga. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 15-66.

HALLIDAY, M.K.A; MCINTOSH, A.; STREVEN, P. Cap. 4. Os usuários e os usos da língua". *In*: HALLIDAY, M.K.A; MCINTOSH, A.; STREVEN, P. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

HERNÁNDEZ CAMPOY, J. M.; ALMEIDA, M. **Metodología de la Investigación Sociolingüística**. Granada: Comares, 2005.

HJELMSLEV, L. Língua e fala. *In*: HJELMSLEV, L. **Ensaio linguístico**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1ª ed. 1943].

HORA, D. da; ROSA SILVA, C. (org.). **Para a História do Português Brasileiro, vol. VIII**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2010.

KOERNER, E. F. K. Questões que persistem em historiografia linguística. Trad. Cristina Altman. **Revista da ANPOLL**, 2: 45-70, 1996. [orig. ingl.: "Persistent issues in Linguistic Historiography", no volume *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995].

KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Prefácio Carlos Assunção. Seleção e edição de Textos: Rolf Kemmler e Cristina Altman. Coleção Linguística 11. Vila Real: Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i2.240>

KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. **Language Variation and Change**, no 1, p.199-244, 1989. DOI <https://doi.org/10.1017/S0954394500000168>

LABOV, W. **Sociolinguistique**. Paris: Editions de Minuit, 1976.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. *In*: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LABOV, W. La transmission des changements linguistiques. **Langages**, 26^e année, n^o 108, p. 16-33, 1992. DOI <https://doi.org/10.3406/lgge.1992.1648>

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**, Vol. 1. Internal Factors. Oxford-UK/ Cambridge-USA: Blackwell, 1999.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**, Vol. 2. Social Factors. Oxford-UK/ Cambridge-USA: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**, Vol. 3. Cognitive and Cultural Factors. Oxford-UK/ Cambridge-USA: Wiley-Blackwell, 2010. DOI <https://doi.org/10.1002/9781444327496>

LEITE, M. Q. Língua falada: *uso* e norma. In: PRETI, D. (org.) **Estudos de língua falada – variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1998.

LEITE, M. Q. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: SILVA, L. A. da. (org.). **A língua que falamos – português: história, variação e discurso**. São Paulo: Globo, 2005, p. 183-210.

LEITE, M. Q. **O nascimento da gramática portuguesa – uso e norma**. São Paulo: Humanitas/ Paulistana, 2007a.

LEITE, M. Q. A Gramática da Linguagem na Gramática da língua: o legado de Fernão de Oliveira no discurso de João de Barros. In: **Fernão de Oliveira: 500 anos**. Simpósio Comemorativo. Campinas: IEL - UNICAMP, v. 1, 2007b. p. 21-22.

LEITE, M. Q. Uso e norma: a ordem na gramática de Jerônimo Contador de Argote. In: **V Congresso Internacional ABRALIN**, 2009, João Pessoa. ABRALIN 40 ANOS. João Pessoa: Ideia, 2009a. v. 2.

LEITE, M. Q. A gramática como instrumento linguístico - A noção de ordem na Gramática de João de Barros. In: **III Seminário Internacional de Linguística Texto, discurso e ensino**. III Seminário Internacional de Linguística. São Paulo: Terracota, 2009b. p. 78-81.

LEHMANN, W. Introduction: Diachronic linguistics. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 01-16.

LEHMANN, W. **Historical linguistics: an introduction**. 3. ed. Londres/New York: Routledge, 1992.

LÉON, J. A Linguística de corpus: história, problemas, legitimidade. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S.l.], n. 8, p. 51-81, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59745>. Acesso em: 9 fev. 2021. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p51-81>

LIGHTFOOT, D. **Principles of diachronic syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

LIGHTFOOT, D. **How to set parameters: Arguments from language change**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

LIGHTFOOT, D. Catastrophic change and learning theory. **Lingua** 100, p.171-192, 1997. DOI [https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(93\)00030-C](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(93)00030-C)

LIGHTFOOT, D. **The development of language: Acquisition, change, and evolution**. Malden, Blackwell/Maryland lectures in language and cognition, 1999.

LOBO, T. C. F.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (orgs). **Para a História do Português Brasileiro, vol. VI: Novos dados, novas análises**, 2 tomos. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. Comunidade de fala de Helvécia-BA. In: **Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia**. UFBA, s.d. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-comunidade-de-fala-de-helvecia-ba>. Acesso em: 30 jan. 2021.

MACHADO FILHO, A. V. L. **Diálogos de São Gregório**. Edição e estudo de um manuscrito medieval português. Salvador: EDUFBA, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOS E SILVA, R. V. (org). **Para a História do Português Brasileiro, vol. II, Primeiros Estudos, 2 tomos**. São Paulo: Humanitas / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2001.

MATEUS, M. H. M.; CARDEIRA, E. **Norma e Variação**. (Col. O essencial sobre língua portuguesa). Lisboa: Caminho Editorial, 2007.

MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A. (ed.) - **Sintaxe comparativa entre o português brasileiro e línguas crioulas de base lexical portuguesa**. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2013.

MORAES, J. V. de. Fatos da variação em gramáticas luso-brasileiras: o horizonte de retrospectiva de Serafim da Silva Neto. In: **Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**: pesquisa linguística e compromisso político, 7 a 10 de março de 2017, Niterói, RJ / organizado por Luciana Sanchez Mendes, Nadja Pattresi de Souza e Silva e Silmara Cristina Dela da Silva. – Niterói: UFF, 2017a, vol. 4. p. 1895-1908.

Disponível em:

<http://www.anaisabralin.uff.br/index.php/revista/issue/view/4/Anais%20do%20X%20Congresso%20Internacional%20da%20Abralin%202017>. Acesso em: 08 out. 2019.

MORAES, J. V. de. As Gramáticas Latinas como corpora para os estudos da variação e mudança linguística na obra Serafim da Silva Neto. **Revista da ABRALIN**, vol. 16, p. 343-397, 2017b. Acesso em: 08 out. 2019. DOI <https://doi.org/10.5380/rabl.v16i3.52482>

MORAES, J. V. de. Aspectos da Variação Linguística na Arte da Lingua de Angola de Pedro Dias de 1697 e na Grammatica Elementar Do Kimbundu ou Lingua de Angola de Héli Chatelain (1888/89). **Revista Metalinguagens**, v. 6, n. 2, p. 10-37, 2020.

Disponível em:

<http://seer.spo.ifsp.edu.br/index.php/metalinguagens/article/view/691/571>. Acesso em: 30 jan. 2021.

MORAES, J. V. de. **Aspectos descritivos do Português Brasileiro em A Brief Grammar of the Portuguese Language with Exercises and Vocabularies (1910), De J[Ohn] C[Asper] Branner (1850-1922)**, 2021 (no prelo).

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, C.; HORTA NUNES, J. (org.). **Introdução às Ciências da Linguagem**: Linguagem, História e Conhecimento. Campinas: Editora Pontes, 2006. p.11-48.

RAMOS, J.; ALCKMIN, M. A. (org). **Para a História do Português Brasileiro, vol. V**: Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016. Acesso em: 12 fev. 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Prefácio à ed. bras. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 1995. [1ª ed. 1916].

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad., notas e posfácio de Marcos Bagno. Apresentação de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2021. [1ª ed. 1916].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

Artigo recebido em: 03.06.2021

Artigo aprovado em: 09.11.2021